

O papel da boa esposa em *Niketche*: uma história de poligamia, de Paulina Chiziane

Francisca Patrícia Pompeu Brasil*

Resumo

O presente artigo tem por objetivo analisar questionamentos e reflexões acerca da imagem da boa esposa no romance *Niketche*: uma história de poligamia, de Paulina Chiziane. Entre os questionamentos analisados, daremos destaque à forma como a personagem protagonista olha para o seu próprio corpo e à forma como esse olhar é “moldado” por práticas sociais e culturais do local onde vive. Através de um estudo comparativo com o conto “Branca de Neve”, de Wilhelm e Jakob Grimm, buscaremos interpretar a situação da mulher negra moçambicana, na condição de esposa, dentro de um relacionamento poligâmico. Foram utilizadas, como referencial teórico, as seguintes obras: *A invenção das mulheres*, de Oyèrónkẹ Oyèwùmí (2021); *A dominação masculina*, de Pierre Bourdieu (2015); *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir (2016), e *A psicanálise dos contos de fadas*, de Bruno Bettelheim (2001).

Palavras-chave: corpo feminino; poligamia; subalternização.

* Mestre em Letras pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Doutoranda em Letras Literaturas de Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0070-8845>.

The role of the good wife in *Niketche: uma história de poligamia*, by Paulina Chiziane

Abstract

This article aims to analyze questions and reflections about the image of the good wife in the novel *Niketche: uma história de poligamia*, by Paulina Chiziane. Among the questions analyzed, we will highlight the way in which the protagonist character looks at her own body, as well as the way this look is “molded” by social and cultural practices of the place where she lives. Through a comparative study with the short story “Branca de Neve”, by Wilhelm and Jakob Grimm, we will seek to interpret the situation of the Mozambican black woman, as a wife, within a polygamous relationship. The following works were used as a theoretical reference: *A invenção das mulheres*, by Oyèrónké Oyěwùmí (2021); *A dominação masculina*, by Pierre Bourdieu (2015); *O segundo sexo*, by Simone de Beauvoir (2016), and *A psicanálise dos contos de fadas*, by Bruno Bettelheim (2001).

Keywords: female body; polygamy; subalternization.

1 Introdução

Paulina Chiziane é uma das mais importantes vozes femininas da literatura moçambicana. Nasceu em Manjacaze, Moçambique, no ano de 1955. Aos seis anos, mudou-se para Maputo, onde ingressou em uma escola de missão católica e aprendeu a falar a língua portuguesa. Foi membro da Frente Libertadora de Moçambique (Frelimo) – movimento em que teve importante atuação. Em seus textos, demonstra grande interesse pelo universo feminino, focalizando os problemas sociais das mulheres africanas e, mais detidamente, as dificuldades enfrentadas pelas mulheres moçambicanas. A autora usa a escrita como forma de questionar a imposição cultural do colonizador, sendo um dos alvos centrais de suas contestações as práticas cristãs trazidas e repassadas pelos povos europeus.

Na obra *Niketche: uma história de poligamia*, Chiziane apresenta ao leitor a boa esposa Rami. Mãe de cinco filhos, zelosa e amorosa, a personagem se mostra consciente de que seu mais importante papel na sociedade é o de esposa e de que, por essa razão, tem por dever respeitar e amar o marido. Quando descobre que está casada com um polígamo, Rami decide reconquistar o esposo. Nas tentativas de salvar seu casamento, ela conhece novos espaços e cria laços com as outras mulheres de Tony, seu marido. O contato com ambientes e pessoas desperta-lhe novos interesses e perspectivas — o que a faz questionar e refletir sobre o papel da mulher na sociedade moçambicana.

Em diversos momentos da obra, Rami conversa com seu espelho: “Espelho, espelho meu, veja o que fizeram de mim!” (CHIZIANE, 2021, p. 24). O desejo de resgatar sua verdadeira identidade leva a personagem a buscar respostas para seus questionamentos. A imagem especular é considerada um símbolo da autoimagem do indivíduo — símbolo que também representa a construção de sua identidade, uma vez que o leva a reconhecer-se em sua individualidade. Assim sendo, as alucinações de Rami, diante de seu espelho, podem ser interpretadas como expressões de uma personalidade fragmentada de um corpo em sôfrega busca por emancipação:

Quem se ri agora sou eu. Espelho louco. Eu já ando louca da minha vida e aparece agora este espelho a enlouquecer-me mais ainda. — Oh, espelho meu, o que achas de mim? Devo renovar-me? — Renova-te, sim. Mas antes, procura uma vassoura e varre o lixo que tens dentro do peito. Varre as loucuras que tem dentro da mente, varre, varre tudo. Liberta-te. Só assim viverás a felicidade que mereces. (CHIZIANE, 2021, p. 30).

Em certa passagem, Rami é criticada por sua conselheira amorosa por não conhecer as artes da sedução: “Então não és mulher — diz-me com desdém — és ainda criança.” (CHIZIANE, 2021, p. 32). A fala da personagem faz com que a narradora se recorde de uma célebre frase: “De repente lembro-me de uma frase famosa — *ninguém nasce mulher, torna-se mulher*.” (CHIZIANE, 2021, p. 32). A frase de Simone de Beauvoir refere-se ao conceito de mulher construído pelos discursos androcêntricos ocidentais. Ao dizer que as mulheres “tornam-se mulheres”, a estudiosa francesa está afirmando que estas precisam se ajustar aos modelos de feminilidade para serem aceitas pela sociedade. Dessa forma, “ser mulher” não é uma condição natural, mas socialmente construída e imposta.

Em sua obra *O segundo sexo*, Beauvoir fala sobre as funções assumidas por marido e mulher dentro do casamento: ao esposo cabe o papel de provedor; à esposa, as funções de gerar filhos, de cuidar da casa e de satisfazer sexualmente o marido:

Ela tem também por função satisfazer as necessidades sexuais de um homem e tomar conta do lar. O encargo que a sociedade impõe à mulher é considerado como um serviço prestado ao esposo: em consequência, ele deve à esposa presentes ou uma herança e compromete-se a sustentá-la. (BEAUVOIR, 2016, p. 408).

O recato e o pudor sexual eram apresentados como características básicas da mulher casada e honesta. A conduta adequada da boa esposa foi ensinada às mulheres africanas através dos discursos coloniais — construídos a partir da visão católica predominante no mundo ocidental. Tais exigências colocam Rami em uma situação dúbia: de um lado, a necessidade de se portar como uma mulher casada e de respeito perante

a sociedade; de outro, o desejo de agradar o marido sexualmente, a fim de manter o casamento.

Em nosso trabalho, buscaremos analisar como os questionamentos acerca da imagem da boa esposa, na obra *Niketche*: uma história de poligamia, são apresentados pelas vozes das personagens femininas. Analisaremos a situação da mulher na posição de esposa dentro de um relacionamento poligâmico na sociedade moçambicana; também será analisada a forma como se dá a influência da cultura hegemônica europeia na construção dessa imagem. Faremos para isso um estudo comparativo entre a personagem Rami e as princesas dos contos de fadas, mais especificamente, Branca de Neve, uma vez que esta é a protagonista do conto a que se faz referência na obra.

2 Ser mulher e esposa em uma sociedade patriarcal e poligâmica

Em *Niketche*, a protagonista Rami esforça-se para acreditar que é agraciada por ter um marido e que, por isso, precisa amá-lo e respeitá-lo. Além da protagonista, as outras esposas/concubinas de Tony mostram-se cientes da condição de dependência em que se encontram e de que, para serem aceitas pela sociedade, precisam viver de acordo com as condições impostas pelo sistema patriarcal. Rami se preocupa em seguir as regras que lhe foram ensinadas pelos agentes sociais: escola, religião, família e Estado. A submissão às normas sociais constrói a imagem do corpo feminino silenciado pela opressão, ou seja, de um “corpo disciplinado”. Ao abordar a construção social dos “corpos disciplinados”, a pesquisadora Elódia Xavier destaca o uso da violência simbólica como um meio de assegurar a sujeição feminina:

A violência simbólica, porém, tem uma ação transformadora que se manifesta de forma invisível e insidiosa, através de interações prolongadas com as estruturas de dominação. O resultado visado é um só: submissão às regras em todos os níveis. As instituições — Família, Igreja, Escola e Estado — são agentes que contribuem para a dominação, que se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante. (XAVIER, 2007, p. 59).

A crença na superioridade masculina se fundamentou, durante muito tempo, em aspectos biológicos, ou seja, o que prevalecia era a imagem do corpo: força *versus* fragilidade. Na atualidade, explicações baseadas em diferenças biológicas entre homens e mulheres, como justificativa da assimetria sexual, vêm sendo contestadas e problematizadas por historiadores e antropólogos.

Ao analisar os povos africanos iorubás, a pesquisadora nigeriana Oyèrónkẹ Oyěwùmí pontua a necessidade de se libertar das influências ocidentais no momento de pensar as distinções entre homem e mulher. Segundo Oyěwùmí, a cosmovisão ocidental privilegia a visão como elemento diferenciador e hierarquizante, opondo-se, dessa forma, à cosmopercepção africana, que considera também os outros sentidos: “No Ocidente, as explicações biológicas parecem ser especialmente privilegiadas em relação a outras formas de explicar diferenças de sexo, raça e classe.” (OYẸWÙMÍ, 2021, p. 27). As explicações biológicas relacionadas à hierarquia dos sexos — mulheres vulneráveis *versus* homens protetores — são problematizadas pela autora, uma vez que, ao se adotar esse tipo de explicação, a biologia seria vista como um aprisionamento da mulher a uma condição naturalmente inferiorizada: por menstruar, gerar filhos e amamentar, seria ela destinada ao ambiente doméstico e aos cuidados da casa e da prole.

Muitas correntes feministas atuais preferem considerar as práticas sociais como causa primeira da opressão feminina, uma vez que, sendo tais práticas mutáveis, os constructos mentais e sociais relacionados à superioridade masculina podem ser desconstruídos. Isso significa que, se a opressão feminina teve início na História, ela pode ser extinta pelo processo histórico: “Se o patriarcado fosse ‘natural’, ou seja, com base em determinismo biológico, então mudá-lo seria mudar a natureza.” (LERNER, 2019, p. 31).

Antes de pensar na condição da mulher como esposa e mãe, é necessário reconhecer nela a condição de “ser mulher”. Em *Niketche*, essa condição é construída dentro de uma sociedade patriarcal e poligâmica. Há vários momentos na obra em que a voz narrativa aborda a reificação do corpo feminino, visto como um instrumento que tem como principais funções gerar e seduzir:

Para a mulher, amar é ser trocada como um pano velho por uma outra mais nova e mais bela — como eu fui. É ser enterrada viva quando a menopausa chega — está seca, está gasta, estéril, não pode produzir nem prazer, nem filhos e já não floresce em cada lua — dizem os homens. (CHIZIANE, 2021, p. 117).

É importante entender que, por serem mulheres, as personagens femininas do romance em questão são vistas como “o outro” — subalternizadas e oprimidas. Também merece destaque o fato de que as esposas que “vieram depois” vivem uma situação ainda mais difícil, pois não têm reconhecimento legal e outros privilégios que cabem à primeira esposa. Temos ainda que levar em conta que o contexto em que a história se passa é o de um país explorado que, até meados dos anos 70, foi colonizado pelos europeus. A condição da mulher se constrói então a partir de características que a definem como mulher negra, vivendo em um período de pós-colonização, em uma sociedade patriarcal que favorece a poligamia.

Violência e tradição na construção do papel social da mulher moçambicana

No final do século XVIII e durante o século XIX, com a ascensão da burguesia e a valorização da família nuclear, o interesse pela educação feminina se intensificou. Nesse período, a mulher burguesa ocidental, ávida por leituras de romances, foi educada para assumir o seu papel social. Silenciada, assimilou seus deveres e considerou como prioridade cumprir suas obrigações dentro do ambiente doméstico. Em *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*, o filósofo argelino Louis Althusser (1985) esclarece que a classe dominante, a fim de preservar sua posição, faz uso de diversos aparelhos ideológicos. A literatura, como um importante elemento cultural, vai assumir tal papel, tornando-se um eficaz aparelho formador e mantenedor das ideologias daquela classe. O discurso romântico, presente em contos de fadas e em romances românticos, educa a mulher, através de suas personagens recatadas, amorosas e prendadas, para ser uma boa esposa, mãe e dona de casa.

No contexto de colonização em África, a imposição de padrões comportamentais visava a promover o apagamento identitário e a assimilação cultural dos povos subjugados. No entanto, o que se observa nas sociedades moçambicanas é que, durante esse processo, os valores impostos pelo patriarcado branco ocidental passaram a coexistir com práticas tradicionais autóctones — as quais, muitas vezes, serviam para assegurar a dominação masculina. Em *Niketché*, a permanência dos ritos é citada como marca de resistência ao jugo colonial português:

Lobolo no sul, ritos de iniciação no norte. Instituições fortes, incorruptíveis. Resistiram ao colonialismo. Ao cristianismo e ao islamismo. Resistiram à tirania revolucionária. Resistirão sempre. Porque são a essência do povo, a alma do povo. Através delas há um povo que se afirma perante o mundo e mostra que quer viver do seu jeito. (CHIZIANE, 2021, p. 42-43).

Seguindo a moralidade cristã, as mulheres africanas, para terem direito a um mínimo de dignidade social, precisavam adotar as condutas impostas pelos dominadores. Entre tais condutas, podemos citar: a castidade, a discrição gestual, a contenção da fala, os cuidados com o ambiente doméstico, a submissão e a passividade. A violência epistêmica, associada à imposição de conhecimentos considerados superiores e verdadeiros, é destacada nas falas de Rami, que critica a “cegueira” do colonizado diante dos saberes institucionalizados dos colonizadores:

Diziam eles que essas escolas tinham hábitos retrógrados. E têm. Dizem que são conservadoras. E são. A igreja também é. Também o são a universidade e todas as escolas formais. Em lugar de destruir as escolas de amor, por que não reformá-las? O colonizado é cego. Destrói o seu, assimila o alheio, sem enxergar o próprio umbigo. E agora? Na nossa terra há muito desgosto e muita dor, as mulheres perdem os seus maridos por não conhecerem os truques de amor. (CHIZIANE, 2021, p. 41).

A obra de Chiziane problematiza o conceito ocidental de mulher africana. Isso se percebe com clareza nas conversas entre Rami e a sua conselheira amorosa, em que são enfatizadas as diferenças culturais entre o norte e o sul de Moçambique. A protagonista se queixa por ter sido

influenciada pelos costumes ocidentais e justifica que isso se deve ao fato de ser sulista, uma vez que foi no sul que a influência colonial se fez mais presente: “Frequentaste os ritos de iniciação? — Pergunta a conselheira. — Não — explico —, o meu pai é um cristão ferrenho, de resto, a pressão do regime colonial foi muito mais forte no sul do que no norte.” (CHIZIANE, 2021, p. 34). Rami também fala sobre a permanência de ritos e costumes relacionados ao casamento no sul; e sobre a posição diferenciada que a mulher assume no norte do país:

No norte, as mulheres enfeitam-se como flores, embelezam-se, cuidam-se. No norte a mulher é luz e deve dar luz ao mundo. No norte as mulheres são leves e voam. Dos acordes soltam sons mais doces e mais suaves que o canto dos pássaros. No sul as mulheres vestem cores tristes, pesadas. Têm o rosto sempre zangado, cansado e falam aos gritos como quem briga, imitando os estrondos da trovoadas. (CHIZIANE, 2021, p. 33).

Através dos diversos relatos apresentados pelas vozes femininas da obra, identifica-se a permanência de valores ligados à tradição dos povos autóctones, sendo o *lobolo*, a *kutchinga* e a poligamia exemplos dessas manifestações — as quais são mostradas como uma forma de legitimar atos de violações e abusos do corpo feminino. Aqui vale ressaltar que a gravidade e a permanência da violência contra a mulher, em Moçambique, motivaram a criação da Lei nº 29/2009 — instrumento de combate a tais abusos. Ao fazerem considerações sobre essa lei, os pesquisadores Etelvina Caetano e Alexandre Maloa apontam, como causas principais da violência doméstica em Moçambique, o poder da tradição e as questões de gênero:

[...] Contudo, algumas causas que têm sido frequentemente apontadas no país, justificando a ocorrência de vários tipos de violência contra a mulher, encontram-se estreitamente relacionadas a aspectos culturais, traduzidos em hábitos e crenças intimamente ligados a desigualdade sexual, em crenças de que a mulher é inferior ao homem, portanto, relacionadas especialmente às questões de gênero. (CAETANO; MALOA, 2021, p. 101).

No tocante à relação entre tradição e reificação do corpo feminino, destaca-se a prática do *lobolo* — cerimônia de consagração do casamento,

realizada no centro e no sul de Moçambique. Nessa cerimônia, a mulher é apresentada como uma mercadoria, ou moeda de troca, uma vez que a entrega da noiva se dá “por troca de diversos presentes e de outros produtos em diferentes momentos, que revelam que as alianças não são apenas uma questão matrimonial mas, também, de reprodução social.” (LOFORTE, 2003, p. 2 *apud* JOSÉ, 2016, p. 226). No contexto moçambicano, ver a mulher como mercadoria e utilizá-la como moeda de troca resulta não só das práticas tradicionais, mas também da precariedade econômica vivenciada por parte considerável da população. Em *Niketche*, Rami explica que Julieta e Luísa, esposas de Tony, foram obrigadas a passar por esse ritual:

Depois fez-se lobolo da Lu e dos filhos. As nortenhas espantaram-se. Essa história de lobolo era nova para elas. Queriam dizer não por ser contra seus costumes culturais. Mas envolve dinheiro e muito dinheiro. Dinheiro para os pais, dinheiro para elas, e para os filhos. Dinheiro que faz falta para comer, para viver, para investir. Quando se trata de benesses, qualquer cultura serve. Elas esqueceram o matriarcado e disseram sim à tradição patriarcal. (CHIZIANE, 2021, p. 108).

A relação sexual não consentida configura-se como estupro e é uma das formas mais comuns de violências impostas ao sexo feminino. Importa observar que a violação ocorre não somente através da força física, mas também de imposições culturais e sociais. Além do *lobolo*, identificam-se, em *Niketche*, outros exemplos do uso da tradição como forma de legitimar a opressão e de subjugar as personagens femininas. Após a suposta morte do marido, Rami é obrigada a passar por um ritual de purificação sexual, a *kutchinga* — cerimônia praticada no sul de Moçambique, que consiste em obrigar a viúva a manter relações sexuais com o irmão do falecido marido, a fim de preservar a herança na família.

Agora falam em kutchinga, purificação sexual. Os olhos dos meus cunhados, candidatos ao sagrado ato, brilham como cristais. Cheira a erotismo no ar. A expectativa cresce. Sobre quem cairá a bendita sorte? Quem irá herdar todas as esposas de Toni? Fico assustada. Revoltada. Minha pele se encharca de suor e medo. (CHIZIANE, 2021, p. 184).

Vale destacar, do trecho apresentado, o uso do verbo “herdar”, o qual rebaixa a mulher à condição de uma propriedade a ser repassada. Ou seja, não cabe a Rami tomar decisões sobre seu corpo, uma vez que este é visto como um objeto. A reificação da personagem é reforçada quando esta descreve a preparação ritualística pela qual fora obrigada a passar:

Fizeram-me isto porque sou viúva. Porque é tradição. Banharam-me com óleos e sebos que cheiram a fezes. Meteram-me num quarto cheio de fumos de incensos e outros cheiros estranhos que pioraram a minha sinusite. Rasgaram-me a pele com lâminas para esfregar pomadas ardentes cujos efeitos desconheço. (CHIZIANE, 2021, p. 187).

Vemos assim que as práticas tradicionais, legitimadas pelo patriarcalismo, dão ao homem o poder de decisão sobre o corpo feminino, assim como o direito de usar a força física como instrumento para efetivar sua dominação. O que se observa, na obra de Chiziane, é que o silenciamento imposto pela inculcação de símbolos do poder patriarcal fortalece as violências e resulta das imagens estereotipadas do feminino, as quais justificam as diversas formas de opressão decorrentes tanto das práticas tradicionais adotadas pelos povos autóctones, quanto da imposição dos modelos de feminilidade repassados pelos discursos coloniais.

4 Espelho, espelho meu...

No século XIX, os irmãos Grimm, estudiosos da língua, buscaram revitalizar as tradições populares e publicaram, em 1812, a primeira coletânea de contos dos Grimm, intitulada *Contos de fadas para o lar e às crianças*. Entre esses contos de fadas, um dos mais populares é o de “Branca de Neve”, que conta a história de uma jovem muito bela, perseguida por sua madrasta invejosa. Dona de um espelho mágico, a madrasta se preocupa com o fato de ter perdido o seu lugar para uma mulher mais jovem e mais bonita. Por isso, busca, de várias maneiras, recuperar o seu posto de mulher mais bela do reino.

Em *Niketche*, há uma referência direta a esse conto nos momentos em que a protagonista procura o espelho como forma de refletir sobre sua aparência e de buscar sua identidade. Ignorada pelo marido, Rami se sente feia e envelhecida: “Diz-me, espelho meu: serei eu feia? Serei eu mais azeda que a laranja-lima? Por que é que o meu marido procura outras e me deixa aqui? O que é que as outras têm que eu não tenho?” (CHIZIANE, 2021, p. 30).

Com o objetivo de analisar o diálogo proposto pelo romance de Chiziane com o conto “Branca de Neve”, de Grimm, buscaremos identificar de que forma o conto se apresenta em *Niketche*, considerando a autonomia de cada obra em relação às características e aos valores culturais apresentados. Ao fazer essa relação, o que nos interessa é apontar como as marcas de subalternidade se refletem no corpo feminino, e como o olhar da mulher negra moçambicana se mostra “moldado” pelas práticas do local em que está inserida. O ato de a personagem olhar para si mesma e enxergar-se feia, culpando-se pelo desinteresse do marido, simboliza a pressão sofrida pela mulher em relação ao próprio corpo.

Em “Branca de Neve”, a madrasta consulta frequentemente o espelho a fim de saber se é a mulher mais bela do reino:

Mas essa rainha morreu e o rei logo se casou com outra mulher que era muito formosa, mas tão orgulhosa que não podia suportar a ideia de que alguém pudesse superá-la em beleza. Ela possuía um espelho mágico onde se mirava, dizendo: “Espelho, espelho, meu! Haverá no mundo alguém mais bela do que eu?” E o espelho respondia, “Tu, ó rainha, és a mais bela mulher do mundo.” (GRIMM, 2002, p. 89).

A beleza física é citada no conto como o elemento que desperta o amor do príncipe pela bela princesa: “Finalmente apareceu um príncipe que bateu à casa dos anões; e ele viu Branca de Neve e leu o que estava escrito em letras douradas. Ele ofereceu dinheiro aos anões e sinceramente implorou-lhes para que o deixassem levá-la consigo [...]” (GRIMM, 2002, p. 93).

Interessante destacar do fragmento o verbo “ver”, pois será a partir da visão que o príncipe se apaixonará pela bela princesa. Na cultura ocidental, é dada uma grande importância ao ato de ver. Isso se deve ao fato

de que, para os ocidentais, o mundo é percebido, antes de qualquer outro sentido, pela visão. É através dela que se percebe a cor da pele, os traços do rosto, as formas do corpo feminino, as diferenças entre o homem e a mulher. Conforme observa Oyèrónké Oyěwùmí:

A razão pela qual o corpo tem tanta presença no Ocidente é que o mundo é percebido principalmente pela visão. A diferenciação dos corpos humanos em termos de sexo, cor da pele e tamanho do crânio é um testemunho dos poderes atribuídos ao “ver”. O olhar é um convite para diferenciar. (OYĚWÙMÍ, 2021, p. 28-29).

Ser jovem e bela se torna assim uma forma de atrair, de seduzir e de conquistar. Daí o fato de Rami, educada aos moldes europeus, importar-se tanto com o fato de estar envelhecendo. Isso significa tornar-se desinteressante para o esposo, correndo o risco de perdê-lo ou de ser preterida por suas rivais. Dessa forma, a narradora se vê obrigada a buscar artifícios a fim de tornar-se atraente e de despertar o desejo do marido. Diferentemente da mulher ocidental, a arte da sedução, para a moçambicana, não se limita à visão. Dá-se também através dos outros sentidos: como cheiros, toques, sons e sabores.

Rami busca o auxílio de uma conselheira e passa a ter “aulas de amor”. Durante essas aulas, a personagem vai descobrindo várias formas de seduzir, praticadas em culturas de diversas regiões moçambicanas. O primeiro encontro das personagens se inicia com uma conversa sobre banalidades. Na sequência, elas passam a fazer comparações entre as culturas do norte e do sul moçambicanos. A conselheira fala então sobre a importância do toque:

Falamos das mãos suaves na carícia do repouso. Nas técnicas de amaciar a pele com a máscara branca do musiro. Detivemo-nos um instante na análise da contradição. Na cultura do sul, diz-se que uma pele lisa escorrega nas mãos como o peixe-barba, os homens não gostam. Não é por acaso que as mulheres da geração antiga têm tatuagens grossas nas ancas, no ventre, no peito, no rosto, para tornar a pele rugosa e gostosa. Chegamos a um consenso: o sensual é também cultural. (CHIZIANE, 2021, p. 39).

Fala também sobre a arte de seduzir através dos sabores: “Se queres um homem, prenda-o na cozinha e na cama — diz ela. — Há comidas masculinas e femininas. Na galinha, as mulheres comem as patas, as asas e o pescoço. Aos homens, servem-se as coxas de frangos. A moela.” (CHIZIANE, 2021, p. 39). É necessário esclarecer que o interesse em agradar o marido pode ser identificado tanto entre as mulheres do sul de Moçambique quanto entre as que habitam o norte do país. No entanto, conforme apontam alguns estudiosos, a arte de sedução das mulheres macuas faz referência ao poder que estas adquirem mediante suas sexualidades:

A obra de Signe Arnfred (2004; 2011; 2015), apontando em outra direção, inscreve as discussões acerca do “poder das mulheres”, os “segredos das mulheres”, a sexualidade, a sedução e a “captura dos homens”, em lógicas próprias à matrilinearidade e a aspectos das relações de gênero nas sociedades macuas. A autora preocupa-se em fornecer um quadro analítico que dê conta de levar a sério o que suas interlocutoras lhe diziam acerca dos ritos de iniciação, e a vontade que expressavam de continuar realizando-os. (ASSUNÇÃO, 2020, p. 19).

A prática da mutilação genital, com o intuito de agradar o homem e seduzi-lo, também tem destaque no texto de Chiziane. Não obstante, o que se observa é a tentativa de problematizar as visões antagônicas acerca dos ritos e tradições, uma vez que, de acordo com a fala da personagem Saly, a condenação dessas práticas se deve à ignorância sobre os costumes adotados no norte do país:

— Rami, és boa decoração — desafia-me a Saly. — Mas o teu corpo é ainda criança. És virgem apesar dos teus cinco filhos. Mas ainda vais a tempo de conhecer o mundo. O que me aconselhas então? — Faz o alongamento genital, que é bom. Esta prática, que muitos condenam sem conhecer, traz mais soluções que problemas. (CHIZIANE, 2021, p. 157).

Percebe-se, assim, que agradar o homem é uma função atribuída tanto às mulheres ocidentais quanto às moçambicanas. No entanto, as formas de sedução serão diferenciadas. Enquanto, nos contos de fadas, o estereótipo feminino da boa esposa se constrói através da aparência angelical e do modo recatado de a mulher se comportar, para as moçambicanas do

norte, é necessário conhecer formas diversificadas de sedução, capazes de despertar o interesse sexual do companheiro.

Outro fator que se contrapõe entre as duas culturas é o sistema de casamento: monogamia *versus* poligamia. Um valor muito cultivado pela sociedade ocidental, e que aparece nos contos de fadas, é a monogamia. A união monogâmica, ou ainda, a valorização da fidelidade, pode ser observada através da união perfeita entre o príncipe e a princesa, que parecem se completar física e espiritualmente — terem nascido um para o outro —, não havendo nessa união espaço para uma terceira pessoa. Observemos o comentário que Bruno Bettelheim faz em relação ao príncipe de Cinderela: “O príncipe sentia muita ansiedade a respeito das irmãs, tanto que não podia ver o que se passava. Mas sente-se muito seguro com Borralheira. Uma vez que ela lhe dá uma segurança, é a noiva certa para ele.” (BETTELHEIM, 2001, p. 310).

A obra de Chiziane, diferentemente dos contos de fadas, apresenta a prática da poligamia e retrata um costume comum dessa sociedade. A mulher, sem condições financeiras para se sustentar, vê-se, muitas vezes, obrigada a aceitar essa prática, dividindo o marido com outras esposas. Dessa forma, o medo de serem substituídas pelo esposo está diretamente ligado à precariedade econômica dessas mulheres. Eis um importante aspecto a ser considerado quando se trata das violências por elas sofridas, uma vez que tal realidade as aprisiona a uma vida de silenciamento e opressão.

Em várias passagens, a voz narrativa cita as dificuldades vividas pelas esposas dentro de um casamento poligâmico, e, ao refletir sobre os privilégios que a poligamia dá aos patriarcas, a personagem declara ter dificuldade para entender a lógica por trás de sua condição de vulnerabilidade, imposta pelos costumes e regras sociais:

A poligamia dá privilégios. Ter mordomia é coisa boa: uma mulher para cozinhar, outra para lavar os pés, uma para passear, outra para passar a noite. Ter reprodutoras de mão de obra, para as pastagens e gado, para os campos de cereais, para tudo, sem o menor esforço, pelo simples facto de ter nascido homem. (CHIZIANE, 2021, p. 82).

Vemos, assim, as dificuldades que a personagem enfrenta para entender e conciliar os valores trazidos pelos colonizadores com a diversidade

de costumes transmitidos pelas práticas tradicionais moçambicanas. Tais questionamentos perpassam toda a obra e levam o leitor a refletir sobre essa dúbia situação dos povos colonizados.

Rami e a madrasta são duas mulheres inseguras em relação às suas aparências, que buscam no espelho uma autoafirmação. Mas é importante destacar que Rami, ao buscar no espelho sua imagem perdida, está tentando resgatar sua identidade de mulher negra africana, deslocada e fragmentada:

Preciso de um espaço para repousar o meu ser. Preciso de um pedaço de terra. Mas onde está minha terra? Na terra do meu marido? Não, não sou de lá. Ele diz-me que não sou de lá, e se os espíritos da sua família não me quiserem lá, pode expulsar-me de lá. O meu cordão umbilical foi enterrado na terra onde nasci, mas a tradição também diz que não sou de lá. Na terra do meu marido sou estrangeira. (CHIZIANE, 2021, p. 80).

Assim como em muitos contos de fadas, também se identifica em *Niketche* o tema da rivalidade feminina. Rami, logo de início, surpreende-se ao descobrir que tem quatro rivais — Julieta, Luísa, Saly e Mauá Saulé. Como rivais, a comparação entre elas é inevitável. Sentindo-se muitas vezes diminuída diante da beleza de uma ou da sensualidade de outra, a protagonista passa a refletir sobre seu corpo, buscando respostas em seu espelho e mostrando-se insegura, pois necessita ser aprovada e aceita pelo marido e pela sociedade. É o olhar do outro que mobiliza as suas atitudes em relação ao seu corpo. Não é o seu olhar que importa, nem o que ela pensa sobre si mesma, mas como ela é vista pelo marido. Tal atitude aponta para a condição submissa da personagem, que, como ser objetificado que é, não tem autonomia para decidir ou opinar sobre a própria imagem. Sentir-se preterida por outras a incomoda de tal maneira que a leva às mais diversas tentativas para conseguir mudar sua aparência e tornar-se mais agradável e interessante para o marido.

Partindo desse pressuposto, pode-se afirmar que a imposição de modelos exógenos de feminilidade faz de Rami um exemplo do que Pierre Bourdieu denomina de um “corpo para o outro”:

Tudo na gênese do *habitus* feminino e nas condições sociais de sua realização concorre para fazer da experiência feminina do corpo o limite da experiência

universal do corpo-para-o-outro, incessantemente exposto à objetivação operada pelo olhar e pelo discurso dos outros. A relação com o próprio corpo não se reduz a uma “imagem do corpo”, isto é, à representação subjetiva (*self-image* ou *looking-glass self*), associada a um determinado grau de *self-esteem*, que um agente tem de seus efeitos sociais (de sua sedução, de seu charme, etc.) e que se constitui essencialmente a partir da representação objetiva do corpo, *feedback* reenviado pelos outros (pais e pares, etc.). (BOURDIEU, 2005, p. 79).

No tocante às questões culturais, é certo afirmar que o romance de Chiziane e o conto dos Grimm apresentam visões diferentes sobre comportamentos e costumes. Não obstante, faz-se necessário observar que os contos de fadas se aproximam dos textos da oratura africana, por trazerem elementos da tradição oral e por terem como base a transmissão de conhecimentos através das contações de histórias. Rico material, recolhido e transmitido por diversas gerações, os contos de fadas conseguiram superar limites espaciais e temporais, levando o estereótipo de boa esposa, construído e cultivado pelos ocidentais, às mais diversas culturas e regiões.

5 Considerações finais

Vimos que Paulina Chiziane, em *Niketche*: uma história de poligamia, apresenta reflexões e questionamentos sobre o papel da esposa moçambicana dentro de uma relação opressora e poligâmica. Rami, personagem central e narradora, representa a mulher negra, inserida em um sistema patriarcal e machista.

De início, a personagem se apresenta como um corpo disciplinado, marcado por um sistema opressor e que tenta se adaptar às regras impostas pela sociedade, reproduzindo seus aprendizados. Para isso, assume as funções atribuídas à boa esposa: zelar pelo ambiente doméstico, cuidar dos filhos e amar o marido. Ao descobrir que faz parte de um relacionamento poligâmico, Rami abandona o ambiente doméstico, tradicionalmente reservado à mulher, e passa a ter contato com várias culturas e modos diferentes de ver o mundo.

Esse movimento de deixar o ambiente limitante e ter contato com outras perspectivas possibilita à personagem travar uma luta cognitiva com o sistema opressor em que está inserida. A partir dessa nova perspectiva, Rami coloca questionamentos e faz reflexões sobre a condição da mulher no papel de esposa, abordando as dificuldades que a moçambicana enfrenta para conquistar o seu espaço dentro da sociedade. Ao questionar os costumes patriarcais e buscar uma autodefinição, a narradora/protagonista leva seu leitor a repensar os estereótipos atribuídos à imagem da mulher africana — construídos através de um trabalho social e cultural de inculcação de dominação masculina e de subalternização do corpo feminino.

Em nosso artigo, também abordamos o diálogo existente entre o romance de Chiziane e o conto “Branca de Neve”, dos irmãos Grimm. A referência direta a esse conto se dá quando a personagem busca seu espelho (Espelho, espelho meu...) como uma forma de se enxergar e de encontrar sua identidade. A respeito do espelho e da relação das mulheres com ele, Pierre Bourdieu afirma se tratar de instrumento “que permite [à mulher] não só se ver, mas também experimentar ver como é vista e se fazer ver como deseja ser vista”. (BOURDIEU, 2005, p. 83). Tomando as palavras do sociólogo francês, podemos dizer que Rami consegue deixar de ser “apenas uma coisa para ser olhada”, convertendo-se então de um “corpo-para-o-outro” em um “corpo-para-si-mesma”.

Concluimos que a obra de Chiziane possibilita aos seus leitores e às suas leitoras desconfiarem das construções vistas como “naturais”, por terem sido disseminadas e inculcadas por determinadas culturas e tradições, enxergando, assim, que tais construções trazem em si relações de poder, baseadas na opressão, e que, por isso, devem ser repensadas e problematizadas.

Referências

ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos do estado*: nota sobre os aparelhos ideológicos do Estado. 2. ed. Traduzido por Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

ASSUNÇÃO, Helena Santos. Reflexões sobre perspectivas africanas de gênero. *Cadernos Pagu*, [s. l.], n. 58, 2020. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/issue/view/1681>. Acesso em: 15 maio 2023.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. 3. ed. Traduzido por Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. v. 1.

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. 15. ed. Traduzido por Arlene Cardoso. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 4. ed. Traduzido por Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

CAETANO, Meque, E. A.; MALOA, J. M. A lei contra a violência doméstica em Moçambique: seu alcance, limitação e desafios: Lamulo lolimbikitsa chiwawa cha m'nyumba ku Mozambique: Kukula kwake, malire ake ndi zovuta zake. *Njinga e Sepé: Revista internacional de culturas, línguas africanas e brasileiras*, [s. l.], v. 1, n. 2, p. 96-114, 2021. Disponível em: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/njingaesape/article/view/589>. Acesso em: 10 maio 2023.

CHIZIANE, Paulina. *Niketche: uma história de poligamia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

GRIMM, Wilhelm e Jakob. *Contos de fadas*. 4. ed. Traduzido por Celso M. Paciornik. São Paulo: Iluminuras, 2002.

JOSÉ, Z. B. Das práticas culturais à violência contra a mulher em Moçambique. *Publicatio UEPG: Ciências Sociais Aplicadas*, [s. l.], v. 24, n. 2, 2016. Disponível em: [file:///C:/Users/User/Downloads/aline_soareslopes,+A-9+Das+pr%C3%A1ticas+culturais%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/aline_soareslopes,+A-9+Das+pr%C3%A1ticas+culturais%20(2).pdf). Acesso em: 19 maio 2023.

LERNER, Gerda. *A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens*. Traduzido por Luíza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019.

OYĚWŪMÍ, Oyèrónkẹ. *A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*. Traduzido por Wanderson Flor do Nascimento. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

SILVA, F. O. da; SILVA, M. T. S. G. da. O corpo angustiado em *Niketche*: uma história de poligamia, de Paulina Chiziane. *Revista Criação & Crítica*, [s. l.], n. 27, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/171600/165022>. Acesso em: 17 maio 2023.

XAVIER, Elódia. *Que corpo é esse?* O corpo no imaginário feminino. Ilha de Santa Catarina: Editora Mulheres, 2007.